

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ

Redactor principal—CARLOS JOSÉ DE SOUSA

Propriedade da Confederação Geral do Trabalho

Editor—Carlos Maria Coelho



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

Aderente à Associação Internacional dos Trabalhadores

ANO VI—Número 1.709

Sábado, 21 de Junho de 1924

PREÇO—30 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º—Lisboa—PORTUGAL

TELEFONE—5339-C

Officinas de impressão—Rua da Alameda, 114 e 115

Os aviadores Sarmiento Beires  
e Brito Pais completaram ontem  
a viagem aérea Lisboa-Macau

## Em consequência das esmagadoras acusações de A BATALHA o ministro do Interior, sr. Sá Cardoso, pede a demissão!

**Durante uma agitada sessão no parlamento o sr. Sá Cardoso não consegue rebater as  
nossas afirmações claras e concisas. O dr. Joaquim Crisóstomo  
pediu um inquérito à vida do acusado. O sr. Ribeiro de Melo afirmou  
possuir documentos que comprovam o que A BATALHA revelou**

**A BATALHA vai trazer a público mais informes preciosos sobre a companhia e respectivos administradores  
que o sr. Sá Cardoso ontem ousou defender no parlamento**

Uma voz honesta que acusa pode ser humilde, pode ser débil, mas possui a grande, a maior força—a razão—da qual não conseguem triunfar os acusados, por mais altos que sejam os seus cargos.

A BATALHA fez anteceder contra o ministro do Interior as acusações mais graves e mais precisas que contra homens públicos se têm feito neste país. Essas acusações são absolutamente verdadeiras. A verdade nelas contém é tão dura e tão forte, que ontem no parlamento o visado, o sr. Sá Cardoso, não podendo refutá-la, teve de pedir a sua demissão porque seria o cúmulo da desvergonha conservar-se no poder um homem que teve ligações com uma companhia que defraudou o Estado, perseguiu operários e falsificou assinaturas!

Nesta luta formidável entre a honestidade que acusa e a desonra que persegue os acusadores honestos a vitória tem de caber—porque a razão o ordena—aos que não se bandeiam com companhias de salteadores, que se cobrem com o título de empresas industriais.

Tantos esforços empregou o sr. Sá Cardoso para fazer calar a nossa voz honesta. Ele bem sabia já que A BATALHA não se calaria, não faria silêncio sobre immoralidades. E' um jornal que incomoda, é jornal perigoso para todos aqueles que não mantêm na vida aquela linha de conduta absolutamente necessária a quem pretende apresentar-se perante o mundo de frente erguida. A luta estava travada entre a honestidade e a falta de escrúpulos. O sr. Sá Cardoso quis esmagar-nos, exercendo sobre nós a censura vexatória, apreendendo-nos os jornais, mandando sovar os leitores deste jornal. Mas a verdade resplandeceu, mas A BATALHA firme, inabalável nos seus ataques não se calou. Triunfou a verdade, caiu o sr. Sá Cardoso.

\*\*\*

Ontem no Senado durante três horas a sessão decorreu agitada. As acusações formuladas pela BATALHA foram a origem de todo aquele ruído, que terminou com a demissão do ministro do Interior.

O sr. Procópio de Freitas, pedindo a palavra, leu o nosso artigo na parte que se referia às relações do sr. Sá Cardoso com a Companhia de Cal e Cimentos da Rasea. Terminada a leitura, que causou sensação, o sr. Procópio de Freitas pediu sobre o caso explicações ao ministro do Interior.

O sr. Ribeiro de Melo, que falou em seguida, declarou perentoriamente que possuía documentos que comprovavam tudo quanto A BATALHA afirmava. Onde obtive esses documentos? Por aí, pelos cafés...

O dr. Joaquim Crisóstomo afirmou que não tinha o direito de duvidar das palavras concisas de A BATALHA. Este incidente vinha, em seu entender, demonstrar que muitos homens da república se encostavam a companhias de processos duvidosos para poder viver. O ministro do Interior tem de explicar-se. Cita o caso dum ministro da monarquia, que por muito menos—uma questão duvidosa no Crédito Público, à qual não estava ligado—ter pedido a sua demissão. O sr. Sá Cardoso—diz o orador—deve dar explicações claras e pedir um inquérito à sua vida de homem público.

\*\*\*

O ambiente carregava-se. O sr. Cardoso está moralmente obrigado a dar à Câmara explicações. Levanta-se para responder às acusações que sobre ele impendem. Começa o ministro do Interior por dizer que se a Câmara não levantasse aquela questão teria sido ele o primeiro a levantá-la, por ter vindo a lume na BATALHA.

Não dava explicações à Câmara porquanto se considerava um homem honrado, e como tal não tem de dar explicações. Pouco lhe importam as acusações que certa imprensa lhe faz. A lama que um pasquim (referia-se indirectamente à BATALHA) lhe arremessava não o atingia. Dava entretanto uma satisfação à Câmara, relatando o que se passara entre ele e essa companhia da qual realmente fez parte.

Entrou—disse—para a referida empresa industrial em meados de Fevereiro de 1923. Quando entrou já estava a ser negociado o empréstimo na Caixa Geral dos Depósitos...

O sr. Joaquim Crisóstomo interrompe para dizer que se admira que a Caixa Geral dos Depósitos forneça dinheiro a companhias exploradoras e não o forneça às câmaras municipais que lutam com falta de recursos.

O sr. Sá Cardoso, prosseguindo, afirmou não saber das desonestidades apontadas. Só quando há dias o sr. Ribeiro de Melo abordou, pela primeira vez, o assunto procedeu a averigações. E soube então que um empregado daquela companhia, filho dum homem que fez parte do Traulitânia, roubava importantes documentos a essa empresa para depois divulgar o que nela se passava.

Afirmou que a companhia era humanitária para com os operários e que aumentara uma vez os salários sem que eles fizessem qualquer reclamação.

Quanto à tal greve a que se referiu A BATALHA, declarou que ela se declarara em Setembro de 1921, data em que ainda não estava na companhia.

Falsificação de assinaturas é um caso que desconhece. Sabe que depois do sr. Ribeiro de Melo ter tra-

tado pela primeira vez do assunto, se fez um exame à escrita da companhia.

Comunicaram-lhe particularmente e à companhia também, que foram encontradas irregularidades, ao que parece lançamentos mal feitos na escrita, pelo que a companhia terá de pagar uma multa. A companhia, porém, está à espera de ser convidada oficialmente a fazer esse pagamento, para que o seu advogado a defenda, contestando a acção. (Informamos os nossos leitores que o advogado é o dr. Mário Pinheiro Chagas, administrador da companhia que assina todas as actas, que alguns dos outros administradores se recusam a assinar, por conterem falsidades).

Referindo-se aos srs. Baltazar Cabral e Baptista Coelho, administradores da referida Companhia, o sr. Sá Cardoso tece os melhores elogios à sua honestidade.

Termina o sr. Sá Cardoso, depois de citar os seus serviços à república e as suas imerecidas (sic) condecorações por apresentar a sua demissão e pedir um inquérito à sua vida particular.

\*\*\*

Depois desta defesa inábil do sr. Sá Cardoso, volta a falar o sr. Ribeiro de Melo para afirmar que os documentos que possui comprovativos das acusações de A BATALHA, não envolvem o sr. Sá Cardoso, porque são anteriores à entrada deste senhor para a referida companhia. Porá esses documentos à disposição da Câmara, quando ela o entender. Declara entretanto que os srs. Baltazar Cabral e Baptista Coelho, que o ministro do Interior defendeu com tanto afiço, são devido aos negócios tenebrosos em que estão metidos, os homens mais perniciosos para o país.

Tem no seu dossier cartas de Baltazar Cabral com referência a conferências que teve o dr. Afonso Costa. (Haverá algum negócio em que o Messias não esteja metido?). Lembra-se que uma delas dizia que ele, Baltazar Cabral tivera uma conferência com o dr. Afonso Costa e que este lhe dissera que os direitos em ouro iam ser lei no país. «Portanto—dizia nessa data para Lisboa—aconselho que se eleve o preço da mercadoria para quando a lei for lei a aumentar novamente».

Não duvida—diz o orador—da honestidade do sr. Sá Cardoso, mas o facto é que as companhias e sociedades anónimas recorrem sempre ao nome dos homens públicos para à sua sombra fazer todas as transacções. A defesa que o ministro do Interior fez dos srs. Baltazar Cabral e Baptista Coelho não podem merecer confiança à república nem a pessoas honestas, porque esses homens estão metidos em negócios escuros.

O senador sr. Mendes dos Reis apresentou uma moção na qual a Câmara reconhecendo a honestidade do sr. Sá Cardoso, passava à ordem do dia.

Fala sobre a moção dando-lhe o seu apoio o sr. Silva Barreto, que considerou, por duas vezes, o sr. Sá Cardoso o protótipo (sic) da honestidade.

Falam ainda os srs. Afonso Lemos, Roberto Baptista—que afirmou que pela honra de Sá Cardoso responde a sua honra—Tomás Vilhena, cônego Andrade e Procópio de Freitas.

O sr. Sá Cardoso diz que agradece à Câmara o considerá-lo honesto, mas que houve, porém, um senador (o dr. Joaquim Crisóstomo) que requereu um inquérito aos seus actos, agradecia a esse senador a sua atitude, porque a vida dum homem público ia ser posta às escancaras. Como esse senador havia posto a questão em tais termos ele não podia voltar atrás com a sua palavra. Agradecia à Câmara os elogios que lhe fizera, ao presidente do ministério a maneira como o tratara, mas ele que tinha sido honrado pelo presidente da república com o cargo de ministro, nada mais tinha do que confirmar as suas antecedentes palavras—podendo a sua demissão.

Vários senadores pediram ao sr. Sá Cardoso que desistisse do seu intento. Ele manteve a sua atitude.

O dr. Joaquim Crisóstomo fala ainda para dizer que mantém as suas palavras, repetindo que se deve fazer um inquérito à vida dos homens públicos.

\*\*\*

Não fosse este artigo tam longo já, rebaataríamos hoje mesmo o discurso do sr. Sá Cardoso ponto por ponto. Não perde, porém, pela demora.

O sr. Sá Cardoso teve atitudes incoerentes. Uma delas foi ter afirmado a alguns senadores que o autor da campanha da BATALHA era o nosso camarade de jornalismo sr. Dias Branco, que se encontrava na bancada da imprensa. Chegou o sr. Sá Cardoso a apontar, provocadoramente o referido jornalista.

Esclarecemos os leitores de que o autor da campanha da BATALHA não é o sr. Dias Branco. Não conhecemos este senhor, senão superficialmente. A atitude do sr. Sá Cardoso apontando-o como autor da campanha, significa que aquele nosso colega no jornalismo conhece o assunto. Ignorávamos esse facto, e agradecemos ao sr. Sá Cardoso ter-nos indicado mais uma pessoa que nos poderá completar os informes que já possuímos. Iremos procurar o sr. Dias Branco a fim de lhe pedirmos que nos diga o que sabe sobre o assunto, certos de que aquele senhor não se recusará a fornecer-nos essas informações.

## O escândalo de Marinha Grande

**Os inimigos da Fábrica Nacional de Vidros conseguem  
roubar as lenhas que á fábrica pertencem**

**E' preciso acabar com essas torpes manobras**

O escândalo da Marinha Grande tem passado por todas as fases, tem tomado todos os aspectos.

Quando é que o bando de miseráveis que se lançou com fúria de enxada sobre o vetusto e glorioso estabelecimento das lenhas à Fábrica Nacional, as lenhas que recolhe as garras? Ah! a luta será brava e extenuante, mas garantimos que haremos de inutilizar as manobras de todos os malandrinhas que aparecerem em campo.

Não tememos nenhum por mais altamente colocado que esteja. Em nosso poder existe um dossier que bastará para fazer em casos todas as afirmações de honestidade e de boa fé com que queiram mascarar rancorosos e infames propósitos de destruição e rapina.

A corja há-de desistir ou faremos levantar todos os homens de bem contra tanta bandalheira.

Arre, malandros!

Os esforços dos industriais da Marinha Grande em Lisboa, a que nos referimos no artigo de ontem, ligados à acção republicana do Pedro Roberto, essa criatura ascorosa que está à frente dos Serviços Florestais logrou o êxito desejado: foi suspenso o fornecimento das lenhas devidas à fábrica.

E' inconcebível como os governos da república se prestam a colaborar em todos os crimes planejados nas alforjas do negócio e da política. E' espantoso como diante das exigências dos potencia-

dos da finança ou a esta alagados se prestaram todos os homens da governação.

Foi praticado um roubo, uma ilegalidade, um acto vilíssimo: a extorsão das lenhas à Fábrica Nacional, as lenhas que só à Fábrica Nacional pertencem.

Não pode ser. Os benefícios que o Estado podia colher do legado Stephen têm sido desbaratados pelo próprio Estado, que outra coisa não faz senão perseguir sistematicamente a fábrica e auxiliar abertamente os seus inimigos mais ferozes. Isto não é de hoje.

O Pedro Roberto considera o Pinhal de Leiria propriedade sua:

O meu pinhal, os meus terrenos... é assim que se exprime quando fala da rica floresta pública.

Realmente, o homem não erra. Pois de quem é o pinhal senão dele e dos seus aniquilados?

A sombra dos lindos pinheiros de D. Dinis, medra uma verdadeira caterva de exploradores.

Se neste país uma sindicância fosse a expressão duma vontade de moralizar e não de encobrir desmandos, violências e infâmias, pediríamos um inquérito rigoroso à direcção dos Serviços Florestais e Agrícolas, em especial no que se refere à administração do pinhal de Leiria. Deixemos continuar o regafo, até que um dia tenham nesta terra envenenada um raio de justiça. E' fartar!

Fazem-se os mais escandalosos negócios, gastam-se as lenhas, tiram-se todas as regalias ao povo, o pessoal das matas, segundo nos informam, quasi se divorciou da população.

O que ali se passa é inenarrável.

Uma amostra: Os donos do pinhal construíram perto dum sítio chamado Guarda Nova uma fábrica de cerâmicas.

E' claro que se trata dum jogo.

Precisam de obras de deserraria, por exemplo, na fábrica? E' simples: mandam fazer-las nas oficinas que o Estado possui perto, junto à administração florestal. Fabricam tijolos que não têm venda? Mais simples é ainda: resolvem mandar fazer obras dentro do parque do Engenho, pertencente ao ministério da Agricultura, consumindo assim os tijolos que o Estado paga com lingua de palmo.

Mas há mais. Em torno do pinhal estão levantando um verdadeiro colar de casas da guarda, amplas, e caras, para um maior consumo dos produtos da cerâmica...

E nas minas de carvão de São Pedro de Muel? Ai, os donos do pinhal excederam tudo quanto se pode imaginar. Talvez um dia nos tentemos a descrever algumas particularidades do que se pratica. E' um nunc acabar. Há ainda o caso dos caminhos de ferro do Minho e Douro e do Sul e Sueste... Lá iremos. Pois isto está gente que, com os indus-

## O fascismo em cheque

Manifestações anti-fascistas em toda a Itália

ROMA, 20.—A Liga dos Operários Italianos resolveu no dia 25 de Junho guardar silêncio durante 5 minutos, interrompendo o trabalho em toda a Itália, como protesto contra o assassinato de Matteotti.

A política continua muito agitada. As oposições parlamentares reúnem no dia 25 em sessão conjunta para tratar do caso do deputado Matteotti.

A pesar de todas as pesquisas, não foi ainda encontrado o cadáver de Matteotti. A «Tribuna» e o «Giornal d'Italia» protestam contra os autores do crime, para os quais reclamam um severo castigo.

Segundo o exemplo do seu director, todo o corpo redactorial da Repartição da imprensa pediu a demissão.

Em Bolonha, as manifestações por motivo do assassinato do Matteotti têm tomado um aspecto grandioso, dando pretexto a demonstrações contra os fascistas.

**O julgamento  
de António Nunes Cabral**

Efectuá-se na segunda-feira pelas 12 horas, no 3.º distrito criminal o julgamento de António Nunes Cabral, devendo comparecer todas as testemunhas de defesa.

triais, se meteu a lançar na miséria milhares de pessoas, conseguindo-o.

O caso é gravíssimo.

Que estamos num país de ladrões já o sabemos há muito. Mas que se queira juntar ao roubo o assassinato por fome, isso é que ultrapassa todas as medidas.

## Pela "Batalha", contra o crime!

**Na Associação dos Empregados de Escrifório realizou-se ontem uma sessão  
de protesto contra a perseguição do governo a este jornal**

**A BATALHA está sendo arbitrariamente apreendida em vários pontos da provincia**

Conforme anunciamos, realizou-se ontem, neste Sindicato, uma sessão de protesto contra as perseguições ao operariado, os fuzilamentos nos Olivais e apreensão de A BATALHA.

Usaram da palavra, combatendo em energias palavras as prepotências governamentais, os camaradas Silva Campos, P. C. G. T., Gonçalves Vidal, P. U. S. O. e Armando Martins, pelo Sindicato.

Foi aprovada uma moção com as seguintes conclusões:

1.º—Que se dê todo o apoio a qualquer movimento levado a efeito pelos organismos centrais:

2.º—Que se enviem ofícios à câmara dos deputados e presidente da República e do ministério protestando contra os bárbaros fuzilamentos dos Olivais, as continuas apreensões de A BATALHA e todas as perseguições de que vem sendo vítima a família trabalhadora.

Cerca da meia-noite e por entre grande entusiasmo terminou a sessão que teve larga concorrência.

**Em Leiria nem o suplemento  
escapou!**

LEIRIA, 17.—(Atrasado).—Com surpresa de todos os assinantes foram ontem apreendidos pela policia, no correio, os exemplares de A BATALHA e do seu suplemento literário, segundo ordens dimanadas de Lisboa.

Contra as prepotências de que está

sendo vítima o incorruptível órgão dos trabalhadores levantamos o nosso mais veemente protesto.—C.

**Uma sessão de protesto  
em Vendas Novas**

Promovida pelas classes operárias de Vendas Novas, realizou-se amanhã nesta localidade uma sessão de protesto contra as perseguições a A BATALHA, devendo fazer uso da palavra, além de outros oradores, delegados da C. G. T. e da Federação dos Trabalhadores Rurais.

Os sindicatos operários de Vendas Novas convidam o povo trabalhador e os espiritos liberais a comparecerem a esta sessão.

**Federação Metalúrgica:  
NOTA OFICIOSA**

Na sua reunião de ontem tratou de diversos assuntos, entre eles de comunicar a todos os sindicatos seus aderentes para efectivarem sessões de protesto contra a censura e apreensão que está sofrendo o seu órgão o jornal A BATALHA e enviarem telegramas protestando neste sentido ao presidente da República e ministro do Interior.

Também aconselha todos os seus sindicatos a abrirem quetes para custear os prejuizos que está sofrendo A BATALHA pelo despotismo das autoridades desta democrática república; como também para auxiliar as famílias das vítimas, mártires dos Olivais, segunda edição de Chicago.

—Os operários corticeiros do Barret, reunidos em assembleia geral, protestaram contra as perseguições à A BATALHA, resolvendo dispensar ao seu porta-voz na imprensa toda a solidariedade e participar em qualquer movimento que a C. G. T. leve à prática e deliberando mais fazer a boicotagem a todos os jornais burgueses.

—A Comuna 7 de Novembro protestou contra as apreensões do jornal A BATALHA.

**Secção da Charneca**

**do S. U. da Construção Civil**

No próximo domingo, às 21 horas, realiza-se nesta secção sindical uma sessão de protesto contra as arbitrarias apreensões de A BATALHA e projectada deportação de operários para as colónias.

Nesta sessão, usarão da palavra delegados da U. S. O., da Federação de indústria e do sindicato.

O Grupo Anarquista «A Plebe», de Vila do Conde, protesta enérgicamente contra a acintosa e estúpida perseguição que as autoridades vem movendo ao porta-voz da organização operária por ele proclamar desassombradamente a verdade, que tanto fere aos causadores da fome e da miséria do povo.

**Lêr 2.ª feira o  
Suplemento de A BATALHA**











